



Transparência no método como valor para o jornalismo

Marília Gehrke¹

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo: Este artigo discute a transparência como valor central no jornalismo. O conceito parte da fundamentação de Kovach e Rosenstiel (2004), para quem os jornalistas têm de revelar os caminhos da produção noticiosa ao público, incluindo as fontes e os métodos adotados. Traz a percepção da transparência como um dos pilares do jornalismo e o lugar que ocupa em meio ao debate sobre objetividade (VOS; CRAFT, 2016; WARD, 2011). O trabalho examina reportagem publicada pelo jornal *Folha de S.Paulo* sobre as chances de fraude nas provas do Enem. A equipe utilizou dados públicos como fonte principal e elaborou um modelo estatístico para comprovar os indícios de irregularidades nos exames, explicitando até certo ponto o passo a passo adotado. Assim, este artigo verifica os limites e as potencialidades da transparência no método e reflete sobre parâmetros para o aproveitamento dessa característica no jornalismo.

Palavras-chave: jornalismo; transparência; método; jornalismo guiado por dados; objetividade.

1. Introdução

As discussões sobre o jornalismo estão ancoradas em seus valores e o modo como eles se apresentam na prática jornalística e à sociedade. A transparência é uma das questões que pode ser debatida sob diferentes aspectos. A partir de autores que trabalham com a ideia de transparência no método (KARLSSON, 2010; KOVACH; ROSENSTIEL, 2004; VOS; CRAFT, 2016; WEINBERGER, 2009), entendo esse conceito

¹ Jornalista e doutoranda em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Membro do Núcleo de Pesquisa em Jornalismo – Nupejor (CNPq/UFRGS) e do Grupo de Pesquisa em Jornalismo Digital – JorDi (CNPq/UFRGS). E-mail: mariliagehrke@gmail.com.

como a abertura dos procedimentos de reportagem. Em outras palavras, trata-se de oferecer ao leitor clareza sobre as escolhas que norteiam a produção do conteúdo jornalístico, bem como as fontes utilizadas.

Após percorrer estudos teóricos que discutem a transparência, faço uma interseção com o jornalismo guiado por dados por acreditar que suas práticas possuem métodos de apuração muito claros, que facilitam a descrição do passo a passo adotado. Esse conceito está próximo da objetividade jornalística à medida que envolve a verdade dos fatos, ou seja, uma verdade apreensível e verificável. Em trabalho anterior, defendi o resgate da objetividade como método aplicado ao jornalismo guiado por dados (GEHRKE, 2017). Procuro revisitar algumas discussões neste artigo.

Percorridos os aspectos principais da teoria, verifico os recursos de transparência adotados pela *Folha de S.Paulo* na publicação da reportagem *Estudo inédito indica alta chance de fraude em mil provas do Enem* (MARIANI et.al., 2018), em que a equipe criou um modelo estatístico para detecção de fraudes a partir da análise de bases de dados públicas ligadas à educação. Resultado de três meses de apuração, o conteúdo apresenta os procedimentos, mas não explora todas as possibilidades que permitiriam ao leitor percorrer ou repetir o passo a passo do método empregado.

Considerando as definições exploradas teoricamente e o que se apresenta na prática, sistematizo, ao final do artigo, parâmetros iniciais. São eles: 1) Clareza nas fontes; 2) Abertura de pesquisas, testes e análises; 3) Correção de erros e atualização. Organizados em caráter preliminar, estimulam o desenvolvimento de um ambiente de verificação e colaboração para a transparência no método como valor do jornalismo.

2. O conceito de transparência como abertura

As transformações decorrentes de um cenário de jornalismo em rede (HEINRICH, 2008), caracterizado pela produção horizontal e conexão constante com a audiência, alimentam debates sobre o deslocamento do papel do jornalista na cadeia editorial (ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2013) e também sobre o propósito do jornalismo em meio às múltiplas fontes de informação oferecidas na *Web*. Assim, revisitar os pilares e valores do jornalismo se apresenta como um caminho natural.

Kovach e Rosenstiel (2004) apontam nove elementos² do jornalismo, entre eles o compromisso com a verdade e a necessidade de verificação. Após analisar o discurso de veículos de comunicação, jornalistas e leitores, Reginato (2016) propõe 12 finalidades³ a serem cumpridas pelo jornalismo, entre as quais estão informar de modo qualificado, investigar e verificar a veracidade das informações. O público, que é a razão de ser do jornalismo, precisa acreditar que está consumindo informações verídicas. Segundo Lisboa e Benetti (2015), o sujeito deve crer que o jornalismo diz a verdade. Essa, por sua vez, está justificada no próprio discurso jornalístico e tem relação com a realidade.

As ideias de verdade e verificação são essenciais enquanto prática e valor para o jornalismo. Neste caso, trata-se de uma verdade verificável, uma verdade dos fatos, decifrada através de acontecimentos relatados ou registrados (CORNU, 1999), que pode ser apreendida a partir de técnicas jornalísticas. Em outras palavras: remetem ao método e à objetividade jornalística.

Em texto anterior (GEHRKE, 2017), defendi o resgate da objetividade como método aplicado ao jornalismo guiado por dados (JGD), que envolve desde a coleta, a compilação, a análise e até a visualização de dados, em geral extraídos de repositórios públicos. Acredito que o JGD, por apresentar procedimentos de apuração bem definidos, está ainda mais próximo da objetividade como verdade verificável a partir da observação e do relato dos fatos, fazendo com que perca força a noção do conceito como algo inatingível e subjetivo. Para Ward (2011, s.p., tradução minha), a noção de objetividade é um dos princípios que mantém o jornalismo responsável. “Todos os dias, cien-

² A lista de Kovach e Rosenstiel (2004, p. 22-23): “1. A primeira obrigação do jornalismo é com a verdade. 2. Sua primeira lealdade é com os cidadãos. 3. Sua essência é a disciplina da verificação. 4. Seus praticantes devem manter independência daqueles a quem cobrem. 5. O jornalismo deve ser um monitor independente do poder. 6. O jornalismo deve abrir espaço para a crítica e o compromisso público. 7. O jornalismo deve empenhar-se para apresentar o que é significativo de forma interessante e relevante. 8. O jornalismo deve apresentar as notícias de forma compreensível e proporcional. 9. Os jornalistas devem ser livres para trabalhar de acordo com sua consciência”.

³ As 12 finalidades são: informar de modo qualificado; investigar; verificar a veracidade das informações; interpretar e analisar a realidade; fazer a mediação entre os fatos e o leitor; selecionar o que é relevante; registrar a história e construir memória; ajudar a entender o mundo contemporâneo; integrar e mobilizar as pessoas; defender o cidadão; fiscalizar o poder e fortalecer a democracia; esclarecer o cidadão e apresentar a pluralidade da sociedade (REGINATO, 2016).

tistas adotam uma postura objetiva quando utilizam métodos para testar hipóteses sobre fenômenos. A mesma postura está disponível para os jornalistas”⁴.

Retomo uma ideia próxima da objetividade como método: a transparência. Meu entendimento de **transparência**, a partir de leituras como Karlsson (2010), Kovach e Rosenstiel (2004) e Vos e Craft (2016), é de **abertura (*openness*) nos procedimentos de reportagem, especialmente no que diz respeito ao uso de fontes e métodos, às escolhas, ao passo a passo adotado e suas limitações**. Trata-se de informar o que se sabe e o que não se sabe (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004).

Karlsson (2010) enxerga a transparência a partir de duas vertentes: a primeira tem relação com a abertura na seleção e produção das notícias, o que o autor chama de divulgação da transparência (*disclosure transparency*); e a segunda vertente é a transparência participativa (*participatory transparency*), ligada à participação dos usuários na produção das notícias.

A primeira tem a preocupação de informar ao público como as notícias são produzidas e, dessa forma, tornar as rotinas produtivas mais abertas. Karlsson (2010, p. 538) acredita que isso seja possível por meio da publicação de *links*⁵ para os materiais e as fontes originais utilizadas. “[...] incluiria *links* para as fontes e documentos originais e abertura sobre como a informação foi obtida, correções de erros e, finalmente, esforços para explicar ao público como as demandas de uma produção noticiosa 24/7 afeta o conteúdo”⁶. A segunda vertente conecta interatividade e transparência para que o público seja capaz de monitorar, checar, criticar e intervir nos processos jornalísticos.

No processo de apreensão e apuração dos fatos, Ward (2011) observa que os jornalistas exercem a busca pela verdade (*truth-seeking*) e pelo relato verdadeiro (*truth-telling*). Dessa forma, avalia que cabe aos jornalistas exercitarem dois tipos de virtudes: verdade, honestidade, sinceridade e transparência no método; e seguir os fatos respeitando os métodos objetivos com justiça e aversão à manipulação. Além disso, afirma

⁴ No original: “Every day, scientists adopt the objective stance when they use methods to test their hypothesis about phenomena. The same stance is available for journalists”.

⁵ Na hipertextualidade, o texto se transforma em uma tessitura informativa por meio de blocos informativos ligados entre si (CANAVILHAS, 2014); os blocos são conectados por meio de hiperligações (hiperlinks ou *links*), que funcionam como elementos de contextualização e aprofundamento em camadas.

⁶ No original “[...] would include links to sources and original documents, openness on how information has been obtained, openness about and corrections of mistakes, and finally an effort to explain to the public how the dynamics of the 24/7 news cycle affects news content”.

que requer técnicas e conhecimento específico para coletar informações e trabalhar com os processos até a publicação da notícia.

Em entrevista a Gehrke e Mielniczuk (2017, p. 6, tradução minha), Philip Meyer enfatizou a necessidade da clareza nas informações nesta era de excessos. “Estamos presos em uma batalha com fornecedores de informações menos confiáveis, e nossa arma é tornar a verdade visível”⁷, o que parece sugerir um ritual de transparência. Para Kovach e Rosenstiel (2004), a transparência deixa claro que o jornalista é motivado pelo interesse público e revela a preocupação em revelar como funciona o próprio trabalho.

O Código de Ética da Sociedade dos Jornalistas Profissionais (2014) apresenta uma seção sobre responsabilidade e transparência no jornalismo. As definições ultrapassam a transparência no método, na etapa de produção, e vão até a publicação, com a correção de erros. De acordo com o documento, promover um jornalismo ético significa exercitar a responsabilidade e explicar as decisões ao público. Para tanto, indica que os jornalistas justifiquem suas escolhas e processos à audiência, estimulando um diálogo sobre as práticas, a cobertura e a produção noticiosa.

Para Ward (2011), a falta de transparência encobre a utilização de métodos inadequados e cheios de vieses. Sob outro ponto de vista, também tira dos leitores o direito de fazerem suas próprias análises. Phillips (2010, p. 378, tradução minha) identificou que alguns jornais utilizavam informações de outros veículos de comunicação, mas não atribuíam a fonte original. E faz a crítica: “Se os jornalistas estão usando materiais sem checar ou atribuir a fonte, os leitores não estão em uma posição que permita saber quem escreveu a matéria inicial, onde a informação foi gerada ou como poderia ser checada”⁸.

Vos e Craft (2016) perceberam que a transparência vem recebendo destaque nas discussões do campo especialmente a partir dos anos 2000, emergindo por causa da internet. As percepções discursivas analisadas pelos autores também mostram que a transparência é vista como um procedimento natural na *Web*. Na visão de Weinberger (2009), a transparência só prospera nesse ambiente que permite o uso de *links* para esta-

⁷ No original “We are locked in a battle with less reputable suppliers of information, and truth made visible is our weapon”.

⁸ No original: “If journalists are using material without checking it, or attributing its source, readers are in no position to know who wrote the original story, where the information originated, or how it could be checked”.

belecer conexões e mostrar a origem da informação, permitindo que o leitor rastreie e autentique as informações.

Por se tratar de uma vertente que tem procedimentos bem definidos e tem suas raízes próximas da ciência, entendo que o jornalismo guiado por dados pode trazer contribuições para a ideia de abertura e reprodução de métodos. Além disso, existe a noção de colaboração na própria comunidade de jornalistas de dados e também com a participação do público, como acontece em iniciativas de interação e a apuração coletiva.

3. Fontes e procedimentos no jornalismo guiado por dados

Informações extraídas de bases de dados, especialmente públicas, são a matéria-prima para o jornalismo guiado por dados. Além das fontes pessoais, que são mais conhecidas e entrevistadas, existem as fontes documentais. Ambas estão ligadas à qualidade da informação veiculada e são essenciais para a compreensão do jornalismo (PINTO, 2000).

A partir de análise de 60 notícias elaboradas com técnicas de JGD, Gehrke (2018) identificou o uso de outras fontes documentais além das bases de dados, como leis, memorandos e atas, estudos científicos, pesquisas, relatórios e publicações em sites de redes sociais. Dessa forma, chegou a uma classificação com três tipos de fontes documentais empregadas no JGD: arquivo documental, estatística e reprodução. Praticamente todo esse conteúdo está disponível para consulta pública na *Web*.

O jornalismo guiado por dados permite que o leitor consulte as bases de dados públicas e possa repetir, de forma mais precisa, os procedimentos adotados no trabalho de reportagem. A escrita hipertextual, que remete ao aprofundamento, à contextualização e à organização das informações (MIELNICZUK, 2003), cumpre papel fundamental nesse aspecto. Assim, o público passa a ter capacidade para examinar as produções jornalísticas e estabelecer suas próprias críticas (ALLEN, 2008), podendo acessar as fontes originais. É por meio da transparência que o público tem acesso a alguns fragmentos da verdade dos fatos que é oferecida no jornalismo (KARLSSON, 2010).

Heravi (2017, s.p., tradução minha) avalia que o jornalismo guiado por dados, por estar sedimentado em evidências, auxilia no processo de verificação e construção de

notícias ancoradas nesta verdade dos fatos. “[...] nossa audiência está mais do que nunca acostumada a escrutinar números, fatos e estatística”⁹. Fornece, ainda, subsídios para um jornalismo menos opaco e mais transparente, promovendo um ciclo noticioso mais democrático, confiável, acurado e informativo.

O JGD, que envolve a aplicação de saberes sociais e de computação desde a coleta até a visualização de informações, tem em suas raízes características do jornalismo de precisão e da Reportagem Assistida por Computador (TRÄSEL, 2014). Especialmente o jornalismo de precisão, criado pelo jornalista Philip Meyer, apresenta uma relação muito próxima da ciência, com pesquisas e análises que ampliam o papel social do repórter, fornecendo subsídios mais concretos do que as declarações das fontes (MEYER, 2002).

Em entrevista a Gehrke e Mielniczuk (2017, p. 10, tradução minha), Meyer afirmou que o jornalista precisa conquistar a confiança dos leitores. E um dos jeitos de fazer isso é manter a clareza quanto à utilização das fontes. “O melhor jornalismo é aquele que descreve seus métodos com tal clareza e precisão que o leitor se convença de que pode seguir o mesmo procedimento e alcançar as mesmas conclusões”¹⁰. O JGD parece ser, sob este aspecto, uma prática que permite a constante verificação do público.

Meyer afirma que sua principal contribuição para o jornalismo foi demonstrar o valor do método científico para a análise e a busca de fatos. Na segunda metade dos anos de 1960, quando ainda era repórter, combinava ciência e jornalismo. Em 1967, juntamente com outros integrantes do jornal *Detroit Free Press*, ajudou a cobrir os protestos na cidade (*Detroit riots*). Para entender o fenômeno, sugeriu que se fizesse uma pesquisa amostral com os residentes na área dos protestos (GEHRKE; MIELNICZUK, 2017). Meyer recém havia retornado de um período estudando estatística e ciências sociais em Harvard.

Além de geralmente partir de uma hipótese, como ocorre na ciência, o jornalismo guiado por dados possui outras características que o aproximam da transparência como abertura de procedimento. A comunidade de JGD, ao menos no Brasil, costuma

⁹ No original “It also allows our readers, the audience, to examine our version of the facts because our audience are more than ever before accustomed to scrutinizing numbers, facts and figures”.

¹⁰ No original “The best journalism describes its methods with such clarity and precision that the reader is convinced that he or she could follow the same procedure and reach the same conclusions”.

ser colaborativa, isto é, compartilha dados e troca conhecimentos sobre análises e linguagem de programação. Inspirada em uma ética *hacker* de cooperação (TRÄSEL, 2014), a ideia é que os saberes não fiquem restritos, mas que se espalhem.

No Brasil, um grupo do aplicativo de mensagens WhatsApp manteve 180 pessoas até o dia 24 de julho de 2018, principalmente jornalistas, programadores, estatísticos, pesquisadores e outros profissionais da comunicação e da tecnologia. Em geral, as trocas estabelecidas pelos membros do grupo são voltadas ao compartilhamento de novidades e notícias publicadas, como também envolve o auxílio à solução de problemas. Apesar de o JGD estimular um ambiente de cooperação, a abertura completa das informações ainda está entre as limitações a serem discutidas. A reportagem sobre as possibilidades de fraudes no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), analisada na próxima seção, serve como ponto de partida para a discussão sobre os limites e as potencialidades da transparência no método.

4. *Folha de S.Paulo* e o modelo estatístico

O jornal *Folha de S.Paulo*, um dos principais do Brasil, publicou em 23 de abril de 2018 uma reportagem intitulada *Estudo inédito indica alta chance de fraude em mil provas do Enem*. A partir de um modelo estatístico desenvolvido pela equipe, chegou-se à conclusão de que pode ter havido fraude em pelo menos 1.125 provas do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) - exame que viabiliza o ingresso de estudantes em universidades públicas.

O Núcleo de Inteligência da Folha analisou 3 milhões de gabaritos de provas realizadas entre 2011 e 2016 por meio dos microdados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), ligado ao Ministério da Educação. Foram considerados os candidatos que obtiveram desempenho para ficar entre os 10% que tiraram as melhores notas no período analisado. A reportagem mostrou que, nas provas analisadas, havia um padrão de respostas semelhantes. Por isso, estatisticamente, é pouco improvável não ter havido algum tipo de cola.

A *Folha* identificou, em 2016, um total de 99 cidades em que foram encontradas suspeitas de fraude. Por meio de uma visualização de dados que começa com um mapa

do Brasil, a reportagem explica, em textos curtos e fragmentados, como funciona o esquema de fraudes nas provas e como foram descobertas. Há, no infográfico, uma comparação de como seria uma prova normal e o que acontece quando há fraude. A suspeita ocorre a partir dos erros: gera estranheza quando um mesmo grupo de alunos com bom desempenho erra a mesma alternativa ao responder determinada questão do Enem. “Segundo o modelo estatístico desenvolvido pela Folha, a chance de essas provas serem semelhantes apenas devido ao acaso em uma edição do Enem é de no mínimo 1 em 1.000” (MARIANI et. al., 2018, s.p.).

Ao longo do texto são percebidos outros fragmentos de informações relacionadas ao modelo estatístico, como: “O modelo adotado [pela *Folha*] é mais rígido do que o aplicado em outros estudos que buscaram identificar fraudes em exames e concursos públicos” (MARIANI et. al., 2018, s.p.). Na sequência, o modelo é comparado com procedimentos utilizados para detectar irregularidades em uma universidade da Força Aérea dos Estados Unidos e no concurso da Receita Federal do Brasil. A reportagem traz explicações ao longo do texto e do infográfico sobre como os resultados foram obtidos, mas não há abertura do modelo estatístico adotado.

Durante palestra no 13º Congresso de Jornalismo Investigativo¹¹, o jornalista Fábio Takahashi, um dos responsáveis pela publicação, disse que a equipe partiu de uma hipótese: há fraudes nas provas do Enem, mas que não se sabe quantas. O desenvolvimento de um modelo estatístico buscava justamente chegar a um número.

A *Folha de S.Paulo*, no entanto, não divulgou o modelo estatístico utilizado. Na palestra, Takahashi (2018) comentou que o jornal não tomou uma decisão quanto à liberação dos códigos de programação utilizados no trabalho de análise de dados. O *Manual da Redação* (FOLHA DE S.PAULO, 2018, p. 53) diz que o profissional da Folha não pode “Divulgar bastidores da Redação ou dados e documentos internos da empresa, a menos que seja decisão do jornal”. Abrir o modelo adotado e o passo a passo empregado permitiria, na prática, que qualquer outro veículo acessasse as informações e repetisse as consultas, podendo gerar novas publicações sobre o tema.

¹¹ O 13º Congresso Internacional de Jornalismo Investigativo, promovido anualmente pela Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji), foi realizado entre os dias 28 e 30 de junho de 2018 na Universidade Anhembi-Morumbi, em São Paulo.

A reportagem da *Folha de S.Paulo*, embora contemple o relato mínimo necessário dos procedimentos para tornar o conteúdo inteligível, mostra limitações quanto à transparência no uso de fontes e de escrita hipertextual. A *Folha de S.Paulo* é um jornal impresso, mas disponibiliza seu conteúdo na *Web*. Dessa forma, noções de transparência poderiam ser otimizadas, como o uso de hipertexto para oferecer outras camadas de informação ao leitor e a fonte original de onde as informações foram obtidas. Contudo, ao longo da reportagem, somente um hiperlink é utilizado e remete a outras matérias publicadas pela *Folha* e que também tiveram o Enem como tema principal.

Como a equipe utilizou bases de dados públicas para desenvolver a reportagem, o recurso de hipertexto para fontes externas ao site poderia ter sido melhor aproveitado. Desse modo, o leitor estaria apto a perceber de onde as informações foram extraídas. E também ganharia agilidade caso quisesse fazer consultas às bases do Ministério da Educação. Em um trecho da reportagem, a equipe explica que os dados relativos às provas do Enem não apresentam o nome ou outras informações de identificação do candidato. Para chegar ao nome de uma pessoa suspeita de ter participado das fraudes, a reportagem explica, apenas, que cruzou “[...] as informações do Enem com as dos ingressantes nas universidades [...]” (MARIANI et. al., 2018, s.p.).

Takahashi afirmou que os microdados do Enem foram cruzados com informações do banco de dados do Sistema de Seleção Unificada (Sisu), em que é possível verificar os aprovados nas universidades a partir das notas do Exame. As bases de dados foram cruzadas para que a equipe pudesse chegar a nomes de possíveis envolvidos nas fraudes. Uma pessoa é identificada na reportagem. Takahashi disse que a apuração em bases de dados foi complementada pelo trabalho de investigação tradicional, *in loco*, para identificação. Segundo explicou, a equipe, que obteve êxito em rastrear o suspeito, publicou seu nome “por questões de transparência”.

Nas seções que abordam a atuação profissional do jornalista e sua relação com as fontes, o *Manual da Folha de S.Paulo* (2018, p. 45) indica: “Se a fonte da reportagem for um documento sigiloso, esclareça o que for possível sobre sua origem, para que o leitor possa formar juízo acerca do grau de confiabilidade da informação”. Entendo que fornecer subsídios para que o leitor faça sua própria análise é o básico em qualquer relação com a fonte, não só no caso de documentos sigilosos.

Entre os principais pilares abordados neste artigo, o *Manual da Redação da Folha de S.Paulo* (2018, p. 13) aponta a busca pela verdade e a transparência nos seus princípios editoriais. O primeiro dos 12 princípios editoriais é justamente “Confirmar a veracidade de toda notícia antes de publicá-la”. O último, que dá uma noção sobre como a *Folha* considera a transparência, está ligado à correção de erros. “Identificar e corrigir com destaque erros de informação cometidos, publicar manifestações de crítica ao próprio jornal; manter mecanismos transparentes de autocontrole e correção” (FOLHA DE S.PAULO, 2018, p. 14).

A preocupação com o método e a apuração jornalística aparecem, curiosamente, na negação da objetividade como valor possível. “Embora a objetividade descritiva seja inalcançável como valor absoluto, procedimentos consagrados de apuração e redação ampliam o distanciamento crítico e tornam as descrições dos eventos tão exatas quanto possível” (FOLHA DE S.PAULO, 2018, p. 16).

O trabalho desenvolvido pelo Núcleo de Inteligência da *Folha de S.Paulo* é importante e leva em conta grandes bases de dados. No jornalismo guiado por dados, nem sempre é comum desenvolver modelos estatísticos para responder às hipóteses iniciais, justamente por se tratar de um trabalho complexo. Dessa forma, existe uma real contribuição da *Folha* para o desenvolvimento do JGD. Diante das percepções coletadas na análise da reportagem e cruzadas com as premissas do *Manual da Redação*, deixa a desejar quanto à origem da informação utilizada.

5. Considerações finais

Os jornalistas tendem a utilizar a transparência como estratégia discursiva para a construção de confiança e credibilidade junto ao público (VOS; CRAFT, 2016), além de ampliar a legitimidade como valor-chave para a instituição jornalística (ALLEN, 2008). Concordo com Karlsson (2010) sobre a existência de desafios com relação ao uso de métodos mais transparentes no jornalismo. Uma das limitações citadas pelo autor é justamente encontrar rituais que possam ser incorporados na rotina jornalística e que ainda sejam aceitos pela audiência e pelos pares, gerando um sistema de responsabilidade e prestação de contas e uma forma de gerar legitimidade junto à sociedade.

Este artigo discutiu a transparência no método jornalístico como característica de abertura que pode agregar valor e resgatar a confiança junto ao público. Defendi que o jornalismo guiado por dados apresenta características específicas de coleta e análise de informações que podem facilitar tal transparência. Para verificar como essas questões se apresentam na prática, este trabalho analisou a reportagem *Estudo inédito indica alta chance de fraude em mil provas do Enem*, da *Folha de S.Paulo*, desenvolvida a partir de microdados do Enem e de um modelo estatístico elaborado pela equipe do jornal.

Considerando que os jornalistas devem revelar o máximo que sabem sobre suas fontes e métodos (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004), entendo que são parâmetros iniciais e fundamentais para estimular a transparência no método jornalístico:

1) Clareza nas fontes: as fontes consultadas precisam estar explicitadas no texto, salvo alguma condição especial ou de risco, acompanhadas de hipertexto que remeta à origem das informações. Dessa forma, pelo endereço eletrônico, o leitor apresenta condições de rastreio das informações. A lógica também vale para documentos obtidos apenas pelo veículo e que pode ser divulgado. Alguns autores discutem a necessidade de clareza nas fontes, mas pouco se fala sobre o aproveitamento de recursos da *Web* nesse processo. Esse primeiro parâmetro mostra ao público a origem das informações e permite que o próprio leitor autentique a fonte e analise sua confiabilidade.

2) Abertura de pesquisas, testes e análises: compreensão dos procedimentos técnicos, das escolhas e variáveis que dão sentido à reportagem. No JGD, costumam ser o fio condutor. O entendimento completo que pode gerar a verificação pelo público e também pelas fontes requer a liberação, na íntegra, dos procedimentos adotados. Pode envolver a divulgação do código de programação utilizado. A abertura do passo a passo ainda permite que se estimule as produções em rede do ambiente de colaboração do qual o jornalismo guiado por dados já faz parte.

3) Correção de erros e atualização: clareza nos erros cometidos, explicando o que foi publicado de forma equivocada, e na atualização das informações, quando novos pontos são acrescentados à reportagem. Assim, o público tem condições de entender que os erros fazem parte do processo e que identificá-los revela preocupação do veículo em manter-se confiável.

Esses parâmetros iniciais foram estruturados a partir da discussão teórica e do que se observou, em nível de produto, na reportagem da *Folha*. O que se busca trazer de novo para a discussão é observar que existe um cenário de jornalismo em rede que precisa ser observado no fazer jornalístico e na publicação do conteúdo na *Web*. São elementos que facilitam e estimulam a transparência no método. Ainda que próximos do JGD, não são aplicáveis somente a ele, mas a qualquer procedimento que envolva uma apuração jornalística criteriosa.

A falta de tempo parece ser um dos principais obstáculos para o trabalho com a transparência no jornalismo. Pensando em um algo instantâneo, pode ser difícil escrever uma espécie de bula para toda notícia que for publicada. Isso é viável, porém, em uma reportagem de fôlego, investigativa, que leva meses para ser produzida, a exemplo do conteúdo analisado neste artigo. As informações úteis e complementares, que poderão fornecer contexto ao leitor, podem ser escritas aos poucos. E o jornalista tem mais tempo para refletir sobre suas escolhas e o produto final.

Como provoca Phillips (2010), o jornalismo precisa reafirmar sua importância ao contribuir com informações que vão além do entretenimento, mas que de fato tenham importância para a vida em sociedade. Esse processo está calcado em contar a verdade, trazê-la para as reportagens. E permitir que o público conheça os procedimentos adotados, apto a fazer suas próprias avaliações do que foi produzido.

Referências

ALLEN, David S. The trouble with transparency. **Journalism Studies**, V. 9, N. 3. Londres: Routledge - Taylor & Francis Group, 2008. p. 323-340.

ANDERSON, C. W.; BELL, E.; SHIRKY, C. Jornalismo pós-industrial: adaptação aos novos tempos. **Revista de jornalismo ESPM**. São Paulo, Ano 2, N.5, Abr. Maio. Jun. 2013. p. 30-89.

CANAVILHAS, João. Hipertextualidade: novas arquiteturas jornalísticas. In: CANAVILHAS, João (Org.). **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença**. Covilhã: Livros Lab-Com, 2014. p. 3-24.

CORNU, Daniel. **Jornalismo e verdade: para uma ética da informação**. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

FOLHA DE S.PAULO. **Manual da Redação: Folha de S.Paulo**. 21. ed. São Paulo: Publifolha, 2018.

GEHRKE, Marília; MIELNICZUK, Luciana. Philip Meyer, the outsider who created Precision Journalism. Porto Alegre: **Intexto**, N. 39, 2017. p. 4-13.

GEHRKE, Marília. O resgate da objetividade como método aplicado ao jornalismo guiado por dados. In: Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo - 15º SBPJor, 2017. **Anais...** São Paulo: Universidade de São Paulo, 2017.

_____. O uso de fontes documentais no jornalismo guiado por dados. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação), **UFRGS**, Porto Alegre, 2018.

HEINRICH, Ansgard. Network journalism: moving towards a global journalism culture. Public service media for communication and partnership. Mainz: **RIPE conference**, 2008.

HERAVI, Bahareh. How is data journalism changing the newsroom? Produção: Ted Talks. [S.l.]: **YouTube**, 2017 (15 min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=iJKIWxYEAZI>>. Acesso em 20 jul. 2018.

KARLSSON, Michael. Rituals of transparency: Evaluating online news outlets' uses of transparency rituals in the United States, United Kingdom and Sweden. **Journalism Studies**, V. 11, N. 4. Londres: Routledge - Taylor & Francis Group, 2010. p. 535-545.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo: o que os jornalistas devem saber e o público exigir**. São Paulo: Geração Editorial, 2004.

LISBOA, Silvia; BENETTI, Marcia. O jornalismo como crença verdadeira justificada. **Brazilian Journalism Research**. V. 2, N. 2. Brasília: SBPJor, 2015.

MARIANI, Daniel et. al. Estudo inédito indica alta chance de fraude em mil provas do Enem. São Paulo: **Folha de S.Paulo**, 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2018/04/estudo-inedito-indica-alta-chance-de-fraude-em-mil-provas-do-enem.shtml>>. Acesso em 20 jul. 2018.

MEYER, Philip. **Precision Journalism**. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers, 2002.

MIELNICZUK, Luciana. Jornalismo na Web: uma contribuição para o estudo do formato da notícia na escrita hipertextual. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas), **UFBA**, Salvador, 2003.

PINTO, Manuel. Fontes jornalísticas: contributo para o mapeamento do campo. [S.l.]: **Comunicação e Sociedade 2**, Cadernos do Noroeste, Série Comunicação, V. 14, 2000, p. 277-294.

PHILLIPS, Angela. Transparency and the new ethics of journalism. **Journalism Practice**, V. 4, N. 3. Londres: Routledge - Taylor & Francis Group, 2010. p. 373-382.

REGINATO, Gisele Dotto. As finalidades do jornalismo: o que dizem veículos, jornalistas e leitores. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação), **UFRGS**, Porto Alegre, 2016.

SOCIETY OF PROFESSIONAL JOURNALISTS. Code of Ethics. Indianapolis: SPJ, 2014. Disponível em: <<https://www.spj.org/ethicscode.asp>>. Acesso em 23 jul. 2018.

TAKAHASHI, Fábio. Como contamos grandes histórias a partir de dados. São Paulo: **13º Congresso Internacional de Jornalismo Investigativo**, 2018. Palestra ministrada em 28 jun. 2018.

TRÄSEL, Marcelo. Entrevistando planilhas: estudo das crenças e do ethos de um grupo de profissionais de jornalismo guiado por dados no Brasil. Tese (Doutorado em Comunicação Social), **PUCRS**, Porto Alegre, 2014.

VOS, Tim P.; CRAFT, Stephanie. The discursive construction of journalistic transparency. **Journalism Studies**. Londres: Routledge - Taylor & Francis Group, 2016. p. 1-18.

WARD, Stephen J. A. **Ethics and the Media**. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

WEINBERGER, David. Transparency: the new objectivity. In: **Tred-Setting Products**, V. 18. Camden: KM World, 2009. Disponível em: <<http://www.kmworld.com/Articles/Column/David-Weinberger/Transparency-the-new-objectivity-55785.aspx>>. Acesso em: 20 jul. 2018.